

O TEMPO DE DEUS

A BÍBLIA E O FUTURO

CRAIG C. HILL

O TEMPO DE DEUS

A BÍBLIA E O FUTURO

TRADUÇÃO

Carlos Caldas

Jarbas Aragão



Editora Ultimato
Viçosa, MG

Copyright © Wm. B. Eerdmans Publishing Co.
Publicado originalmente por Wm. B. Eerdmans Publishing Co.
Grand Rapids, Michigan 49503, EUA.
Título original em inglês: *In God's Time, The Bible and The Future*

Primeira Edição: *Julho de 2004*

Revisão: *Bernadete Ribeiro*

Capa: *Magno Paganelli*



PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO
E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS PELA

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557
E-mail: ultimato@ultimato.com.br
www.ultimato.com.br

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

H645t
2004

Hill, Craig C., 1957-
O tempo de Deus : a Bíblia e o futuro / Craig C. Hill ;
tradução Carlos Caldas, Jarbas Aragão. – Viçosa, MG :
Ultimato, 2004.
256p.

Tradução de: *In God's time : the Bible and the future*
Inclui apêndice
Inclui bibliografia

ISBN 85-86539-70-8

1. Vida eterna - Cristianismo. I. Título.

CDD 20.ed. 236.2

AO LEITOR

A abreviação (*par.*), que o leitor vai encontrar neste livro, significa “passagens paralelas”, como em “Marcos 2.18-22 (*par.*)”. É usada quando a passagem do Evangelho citado é narrada também em um ou mais Evangelhos. No exemplo dado, o relato da discussão sobre o jejum em Marcos 2.18-22 possui paralelos em Mateus e em Lucas. Essas duas outras versões não são citadas porque não apresentam dados que afetariam substancialmente a argumentação. De modo semelhante, duas barras paralelas (“//”) são usadas para indicar que duas passagens são paralelas, como em “Mateus 7.24-27//Lucas 6.47-49”, uma referência ao comentário de Jesus sobre os que ouvem e os que cumprem a Palavra, registrado tanto no Evangelho de Mateus quanto no de Lucas.

Com raras exceções, as citações bíblicas são da versão Almeida Revista e Atualizada no Brasil, da Sociedade Bíblica do Brasil.

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	9
<i>Prefácio: O fim desde o princípio</i>	15
1. Já chegamos lá?	17
2. A Bíblia em primeiro lugar	29
3. A história do futuro	49
4. O Apocalipse de antes	79
5. Tudo em família: Daniel e Apocalipse	115
6. Jesus e os acontecimentos futuros	153
7. O reino de antes e o reino futuro	193
<i>Conclusão: Esperança que não se vê</i>	221
<i>Apêndice: Não deixados para trás</i>	225
<i>Notas</i>	235
<i>Bibliografia</i>	249
<i>Índice de Assuntos</i>	253

apresentação

à edição em português

FIQUEI MUITO ENTUSIASMADO quando li *O Tempo de Deus*. *Primeiro*, pela maneira como o autor trata a escatologia bíblica e o seu pano de fundo no pensamento judaico apocalíptico. *Segundo*, pela maneira gostosa e sem pretensões como ele desenvolve o seu argumento, do ponto de vista de um historiador, procurando esclarecer as dúvidas mais comuns que normalmente surgem quando se trata desse assunto. E, *terceiro*, pela coragem e competência que ele demonstra quando lida com controvérsias teológicas, como, por exemplo, a doutrina da inerrância das Escrituras. Em tudo isso, o autor é aclamado pelo seu êxito por um batalhão de teólogos, biblistas e líderes cristãos. Entretanto, para os leitores evangélicos brasileiros, tais recomendações impressionantes talvez não bastem. Cada uma das três qualidades mencionadas exige uma explicação maior. É por isso que escrevo esta apresentação.

1. O conteúdo da *escatologia* e seu pano de fundo *apocalíptico*

O autor ilustra a importância da escatologia, ou estudo sobre as últimas coisas, com uma citação de Karl Barth: “o cristianismo que não é inteira e absolutamente escatológico não tem inteira e absolutamente nada a ver com Cristo”. Isso porque a esperança judaica pelo Messias (palavra judaica para “Cristo”) era essencialmente escatológica; e os primeiros cristãos, todos também judeus, entendiam que em Jesus as promessas de Deus, esperadas desde muito tempo antes, haviam se cumprido. Hill desenvolve a história dessas expectativas, primeiro, a partir do Antigo Testamento e, depois, a partir do período intertestamentário, a fim de entender a influência dessas idéias nos dois livros bíblicos considerados como apocalipses: *Daniel* e *Apocalipse*.

A estratégia de exposição do autor é diferente da comum. Ao fazer perguntas históricas sobre o pano de fundo do assunto em livros judaicos anteriores, dentro e fora da Bíblia, ele esclarece a expectativa de Jesus* em relação ao futuro e a maneira como os primeiros cristãos entendiam a escatologia, por exemplo, no livro de Apocalipse. Dificilmente *nossa* maneira de entender essas coisas hoje pode desconsiderar o entendimento dos primeiros leitores. Pois a composição dos textos que contêm essas idéias, mesmo levando em conta a inspiração por Deus, certamente tinha em mente esses primeiros leitores. Infelizmente, na pressa de aplicar o conteúdo desses textos a situações contemporâneas, exposições populares sobre o fim dos tempos raramente levam a sério o contexto histórico e cultural de Daniel e Apocalipse. Craig Hill não apenas desenvolve esse contexto, como também ilustra tal desenvolvimento por meio de abundantes citações de livros

*Um excelente livro em português que ajuda a entender melhor a pessoa e o pensamento de Jesus no seu contexto histórico e cultural, à luz de novas descobertas arqueológicas e de manuscritos, é: CHARLESWORTH, James H. *Jesus dentro do judaísmo; novas revelações a partir de estimulantes descobertas arqueológicas*. Trad. Henrique de Araújo Mesquita (Coleção Bereshit). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

judaicos bíblicos e extrabíblicos, como *1 Enoque*, *4 Esdras*, *2 Baruque*, o *Apocalipse de Abraão*, *3 Baruque*, *2 Enoque*, os *Rolos do Mar Morto*, o *Testamento de Levi*, os *Oráculos Sibilinos*, *Jubileus*, os *Salmos de Salomão*, *Assunção de Moisés* e o *Testamento de Abraão*.

2. O procedimento *histórico* do autor

O autor escreve como historiador. Sua predisposição pela história decorre do fato de ser professor numa universidade onde os alunos não são necessariamente cristãos, mas querem distinguir eventos históricos de interpretações teológicas. Além disso, essa predisposição ilustra que rumo tomou a pesquisa bíblica ao longo do século 20, especialmente na América do Norte e Europa. Por um lado, a preocupação fundamental da pesquisa bíblica, ou da exegese, nos seminários e nas universidades, é a história — o que, de fato, aconteceu. O seu procedimento é grandemente descritivo. Por outro lado, a preocupação da teologia é o sentido — o que significa. Ela é grandemente avaliativa, ou normativa. As perguntas que a pesquisa bíblica levanta e as respostas que procura, portanto, fazem parte do interesse pela história.

Novamente, o livro é importante justamente por levantar perguntas históricas — o que exige um pouco de paciência por parte do leitor leigo. O significado e a relevância dessas perguntas para a vida da igreja hoje demoram um pouco mais para surgir. Mas, quando surgem, suas bases são mais sólidas e menos especulativas.

3. *Controvérsia* no tratamento bíblico

Mesmo sendo importante, o procedimento histórico não deixa de parecer bastante controvertido para o leitor que quer respostas avaliativas, claras e imediatas. Além disso, ele praticamente proíbe o seu usuário de ser dogmático em relação aos textos que está estudando. Isto é, o historiador não pode pressupor que saiba de antemão o que um texto antigo está dizendo. Antes, se faz necessário um exame acurado do seu contexto histórico e cultural. Depois, o historiador sugere hipóteses que precisam, então, ser atestadas pelos critérios da história que o próprio Hill explica no livro.

Tal procedimento praticamente obriga o autor a esclarecer, num capítulo à parte, sua postura em relação à inspiração da Bíblia — uma posição que, a princípio, confrontará com a postura de muitos leitores da edição em português. Talvez a maioria dos líderes cristãos no Brasil entenda a inspiração da Bíblia em termos da doutrina da inerrância. Alguns a afirmam por convicção teológica; outros, talvez porque simplesmente a vêem como a melhor maneira de afirmar a autoridade divina da Bíblia. Suas convicções são apenas reforçadas quando pessoas de postura teológica tida como liberal questionam a doutrina da inerrância. Para a maioria, a boa linha divisória entre um cristão “liberal” e um “conservador” ou “evangelical” é a afirmação ou não da inerrância das Escrituras.

A situação que acabo de descrever, inclusive referindo-me a uma “maioria”, é dedução minha. Não possuo, por exemplo, estatísticas para sustentá-la. Posso estar equivocado, mas creio que não. De qualquer maneira, Craig Hill nos apresenta uma terceira posição, que não é nem a “conservadora”, que afirma a inerrância, nem a “liberal”, que a nega. Por um lado, Hill acha a doutrina da inerrância inadequada, mas, por outro, afirma a mais alta avaliação da Bíblia. Por causa da peculiaridade dessa posição para muitos leitores brasileiros, vou demorar nessa questão, apesar de ela ocupar apenas um capítulo do livro. Não falo mais sobre a perspectiva do próprio autor, simplesmente porque ele mesmo o faz com bastante competência. Entretanto, quero contribuir para o assunto da inerrância e, assim, preparar o terreno para o leitor. Procurarei ser franco e direto.

O problema com a doutrina da inerrância é que ela não é bíblica, apesar de tratar da maneira como as Escrituras foram inspiradas. Ela está aquém da perspectiva bíblica sobre a inspiração e autoridade da Palavra, pois não faz jus à rica linguagem que a própria Bíblia emprega sobre a “lei do Senhor” ou “palavra de Deus”, descrita como: “provada”, “perfeita”, “restauradora”, “fiel”, doadora de sabedoria, “reta”, “pura”, “iluminadora”, “verdadeira”, “justa”, “mais desejável do que o ouro”, “mais doce do que o mel”, “prazerosa”, “amada”, “vivificadora”, “mais valiosa do que milhares de ouro ou de prata”, “ilimitada” e “luz” — para citar apenas os Salmos 19 e 119.

Somente essa linguagem poética, estética e moral, e não a linguagem das ciências exatas, especificamente da matemática, é capaz de qualificar adequadamente as Escrituras. A doutrina da inerrância ignora, se não deprecia, a linguagem bíblica sobre a inspiração.

Também a doutrina da inerrância confunde mais que esclarece a inspiração das Escrituras por usar um sentido de “erro” e “errância” estranho ao sentido bíblico. A Bíblia dá uma conotação moral à palavra “erro”, que geralmente é sinônima de “pecado” ou “desvio”. A doutrina da inerrância dá uma conotação mais matemática, produzindo a idéia de “incoreção”, “inexatidão” (cf. os dicionários de Aurélio e Houaiss).

Mesmo assim, se fosse só isso, eu poderia aceitar o uso da palavra “inerrância”, com as devidas qualificações, para descrever a inspiração das Escrituras. O problema maior não é tanto nesse nível de discurso semântico, e, sim, na aplicação da doutrina à pesquisa bíblica. Pois a doutrina da inerrância, na prática, levanta graves suspeitas em relação às metodologias históricas, literárias e sociológicas, empregadas por pesquisadores para tentar esclarecer o significado de textos bíblicos para seus leitores originais. Seus defensores geralmente replicam, priorizando a análise gramatical, que sem dúvida é fundamental à pesquisa bíblica. Entretanto, sabe-se que a língua se expressa dentro de contextos históricos e culturais específicos, e que “regras” gramaticais são maleáveis no seu uso. Assim, a gramática não é suficiente para desvendar o sentido de um texto. Outras metodologias de análise são necessárias.

Nada disso é um afronto à inspiração divina, se se entende inspiração divina pela analogia da encarnação. Deus inspirou as Escrituras, não de um modo extraterrestre ou ultramundano, mas encarnacional, isto é, por meio das culturas e da história dos povos da Bíblia.

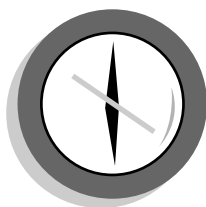
A linguagem dos salmos é melhor que a linguagem das ciências exatas. Creio que os reformadores compreenderam bem a primazia e a prioridade das Escrituras para a vida cristã quando as denominaram de “a única regra de fé e de prática”.

Em 1992, quando eu estava terminando meu doutorado, li o primeiro livro de Craig Hill, intitulado *Hellenists and Hebrews*:

Reappraising Division Within the Earliest Church (Helenistas e hebreus: reavaliando a divisão dentro da primeira igreja). Fiquei impressionado pela sua clareza e documentação histórica. Esclareceu algumas dúvidas sobre a primeira igreja cristã no livro dos Atos do Apóstolos. *O Tempo de Deus* me impressiona da mesma maneira. Mas cabe um aviso: ele não vai construir para você uma perspectiva única sobre as coisas do porvir. Contudo, certamente o ajudará a entender melhor as diversas perspectivas de Jesus e das primeiras igrejas cristãs. Assim, como aconteceu comigo, quem sabe arderá mais em você a paixão dos primeiros cristãos diante da tremenda e tão esperada realização das promessas de Deus, na pessoa de Jesus. Quem sabe você se engajará com mais afinco na transformação deste mundo e guardará com mais fidelidade o retorno do Senhor Jesus.

Timóteo Carriker
Outono de 2004

prefácio



O FIM DESDE O PRINCÍPIO

ESTE É UM LIVRO para pessoas que querem compreender o que a Bíblia diz a respeito do futuro. Não foi escrito primariamente para eruditos, embora tenha sido escrito de uma perspectiva acadêmica mais tradicional. Ao longo dos anos, tenho ficado muito grato aos acadêmicos cristãos que têm escrito para a igreja. Este livro representa meu primeiro esforço para juntar-me a tão honorável sociedade.

Mas, entre tantos assuntos, por que escrever sobre este? Livros a respeito da Bíblia e do futuro dificilmente são novidade. Muitos títulos são lançados a cada ano. Devemos dar boas-vindas a mais um que trata de um assunto tão discutido? Certamente o mundo não precisa de outra publicação que pretenda revelar os recentes cumprimentos das profecias bíblicas. Você pode ficar aliviado por saber que eu não concluí que a internet é um complô satânico e, embora tenha perdido parte do capítulo quatro por causa de um problema com o *Windows*, não penso que Bill Gates

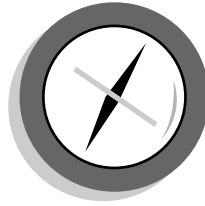
é o anticristo. De fato, um dos motivos que me levaram a escrever este livro é a existência de tantas outras publicações que defendem idéias tão artificiais.

Apesar de estar ávido para alcançar os defensores obstinados dessas idéias sobre o fim dos tempos, devo dizer que eles não são os primeiros leitores que tenho em mente. Escrevo particularmente para aqueles que consideram esse assunto desconcertante, chato ou problemático. A essas pessoas, tento mostrar que a idéia do triunfo de Deus é central para a fé cristã e que o conhecimento das idéias envolvidas é essencial para uma leitura fundamentada da Bíblia, particularmente do Novo Testamento. Trabalhar com esse assunto também pode levar uma pessoa a crescer na fé, a ter uma percepção renovada e a apreciar a crença de outras pessoas.

Sou grato ao Wesley Theological Seminary por dar-me tempo e encorajamento para pesquisar sobre esse assunto, ao Clare Hall da Universidade de Cambridge, onde fui pesquisador visitante durante a maior parte do tempo de redação deste livro, e à Tyndale House, Cambridge, cuja biblioteca de estudos bíblicos foi um recurso inestimável. Também quero expressar minha gratidão a Sylvia e Donald Fites, Robert e Ingrid Coutts, Paul Lamberth, Brian Beck, John Barton, George Ramsey, Chad Pecknold, Jeff Dryden, Richard Deibert, Jules Gomes, Rob Wall, Pamela Gable e Suzanne Gibson Vance, que, de alguma maneira, apoiaram este projeto.

Minha companheira em todo esse esforço é minha esposa, Robin. *O Tempo de Deus* é dedicado aos nossos filhos, Arthur e Victoria, com forte esperança de que eles tenham um futuro brilhante.

capítulo um



JÁ CHEGAMOS LÁ?

CADA ANO PARECE TER sua porção de esperanças destruídas e expectativas frustradas. Nosso time nem sempre vai bem no campeonato, nosso ator ou atriz favoritos não ganham o óscar, o candidato em quem votamos na última eleição nos decepciona e os exércitos do mundo falham em acabar com a história humana na catastrófica batalha do Armagedon. Esta última decepção é mais conhecida dos vinte e tantos milhões de leitores de *A Agonia do Grande Planeta Terra*, *best-seller* de Hal Lindsey escrito na década de 1970. Lindsey argumentava que o mundo estava pronto para um cataclismo, literalmente “de proporções bíblicas”, depois do qual Cristo voltaria para reinar por mil anos. Ele calculou que essas coisas deveriam acontecer dentro de quarenta anos — uma “geração bíblica” —, a partir da fundação do moderno Estado de Israel, em 1948. Isso significa que o fim do mundo deveria ter ocorrido em 1988. “Muitos eruditos que têm dedicado toda a vida ao estudo das profecias da Bíblia crêm assim.”¹

Não é assim. Desde 1988, os anos vieram e se foram sem que tenhamos visto uma baforada de enxofre. Mas interpretações de profecias são maleáveis como massa de modelar e resistentes como baratas. Parece que desde 1988 não há limites para a produção de tais livros, escritos pelo próprio Lindsey e por seus muitos imitadores, incluindo Tim LaHaye, cujos sombrios romances sobre o fim dos tempos, da série *Deixados para Trás*,² já venderam mais de vinte milhões de exemplares. De fato, o periódico *Evangelical Studies Bulletin* recentemente considerou LaHaye “o líder cristão mais influente” dos últimos 25 anos.

Mesmo na economia morosa de hoje, a interpretação profética é uma indústria crescente, que Robert Jewett chama de “indústria do juízo final”.³ Volumes que predizem a segunda vinda enchem as prateleiras de livrarias evangélicas, competindo com vídeos, tabelas, folhetos e romances sobre os últimos dias. Faça uma busca na internet por termos como “apocalipse” e “volta de Cristo”, e você será direcionado para dezenas de milhares de sites. É claro que muitas pessoas estão seriamente interessadas no que a Bíblia tem a dizer sobre o futuro. Por quê? Com certeza muitos o fazem por curiosidade, mas há aqueles que têm um desejo sincero de entender as Escrituras. Motivos menos louváveis também existem. Para uma comunidade que prioriza a Palavra, o conhecimento de um esoterismo bíblico pode atrair multidões e proporcionar *status* e autoridade, o que não aconteceria de outra forma. Não é por acaso que famosos professores de Bíblia freqüentemente oferecem interpretações novas e peculiares de textos proféticos. A competição do tipo “sou mais profundo que vocês” é uma realidade em círculos cristãos. A pregação sobre os últimos dias também é usada para gerar medo, na maioria das vezes em nome da evangelização. Os lemas parecem ser “Arrependa-se ou queime!” e “Suba [no arrebatamento] ou suma [engolido pelo inferno]”. Parece que esse entusiasmo pelo fim não vai acabar tão cedo.

Mas essa não é toda a história. Para cada cristão cativado pelo tema, existem muitos outros que o ignoram ou não se preocupam com ele. Suas razões são muitas. O assunto parece ser, na melhor das hipóteses, periférico e, na pior, incompreensível. Para alguns, a linguagem bíblica sobre o fim parece vindicativa e ofensiva. Muitos acham o tema um estorvo. Que geração não viu a si

mesma nos textos bíblicos, somente para depois perceber que fazia uma leitura equivocada? Ainda pior é a grande quantidade de atos tolos, algumas vezes estúpidos, que são cometidos sob a envenenadora expectativa do cumprimento das profecias. O leitor deve se lembrar de casos de suicídio em seitas como a Heaven's Gate [Portão do Céu], cujos membros aguardavam o fim do mundo para após a suposta passagem de um cometa sobre a Terra. Infelizmente, o livro de Apocalipse, em particular, tem uma lamentável história como o texto favorito de aproveitadores e ingênuos (pense em David Koresh e a seita dos davidianos). Para outros, ainda, a crença no fim dos tempos é uma herança incômoda preservada pela família, como um parente esquisito e desagradável, a quem há muito tempo já deveríamos ter mostrado a porta de saída da casa. Idéias antigas a respeito de "novo céu e nova terra" são tão datadas que parecem irrelevantes. De fato, alguns eruditos bíblicos modernos vêm tendo muito trabalho para construir um "Jesus histórico" respeitavelmente livre de tais barbaridades (veja o capítulo seis).

Extremismo geralmente é o caminho mais fácil, mas raramente o verdadeiro. A acolhida isenta de crítica e a rejeição injustificada da esperança bíblica são erros iguais, mas opostos: no primeiro caso, a fé é privada da razão; no segundo, a fé é privada do seu conteúdo. As pessoas mais encantadas com a profecia raramente fazem perguntas difíceis e embaraçosas sobre o contexto e a cosmovisão dos autores bíblicos, qual a extensão das suas expectativas que não foram cumpridas, e assim por diante. Aqueles que são rápidos em rejeitar esses mesmos textos mostram pouca compreensão das dificuldades históricas e teológicas provocadas por essa atitude. Portanto, é sábio evitar tanto a obsessão isenta de crítica como a descrença precipitada. Mesmo assim, cada posição tem seu ponto forte. Por um lado, é importante reconhecer que a fé cristã está baseada na esperança do triunfo de Deus. Desistir dessa esperança é abandonar o núcleo da fé cristã histórica. Por outro lado, é desonesto não admitir os problemas inerentes às expressões bíblicas dessa esperança. Evitar as questões difíceis é retroceder para uma fé ingênua e, em última instância, insatisfatória. Esses textos são problemáticos, mas têm algo vital a dizer aos cristãos contemporâneos. Faz-se necessária uma abordagem que leve a sério as

possibilidades e os problemas, e então encoraje ambos a dar uma resposta baseada em fé e reflexão. O que segue é uma pequena tentativa de aceitar esse desafio.

Escatologia em duas palavras

Os que estão familiarizados com esse tema usam várias palavras — “milenismo”, “dispensacionista”, “pré-tribulacionista”, “pós-tribulacionista” — que têm pouco sentido para outras pessoas. Nas páginas que se seguem, tentarei evitar ao máximo o uso de termos técnicos. No entanto, há um termo que precisa ser corretamente introduzido: é a palavra *escatologia*. Ela deriva do grego *eschatos*, que significa “último” e se refere ao ramo da teologia que se preocupa com “as últimas coisas”. De modo mais amplo, a escatologia trata do cumprimento do plano de Deus para a história humana.

Sistemas escatológicos podem ser complexos, desconcertantes. Ironicamente, isso faz parte do apelo que fazem. Quem não gosta de participar de um mistério? Contudo, no final das contas, a questão essencial da escatologia é muito simples. Em duas palavras: Deus vence. No fim das contas, os propósitos de Deus serão bem-sucedidos. O caráter de Deus finalmente será vindicado (justificado). No fundo, todas as escatologias são respostas, se não totalmente perguntas, ao problema do mal. A injustiça, o sofrimento e a morte são realidades finais de nosso mundo? A história humana, individual e coletiva, tem algum propósito? Toda essa discussão a respeito da bondade, do amor e da justiça de Deus seria algo inatingível? As escatologias diferem na maneira como conceituam o triunfo de Deus, mas são essencialmente idênticas em asseverar a vitória de Deus como a realidade suprema à luz da qual todas as realidades aparentemente contrárias devem ser julgadas.

O cristianismo é irredutivelmente escatológico. Como Karl Barth afirmou, “cristianismo, que não seja totalmente escatologia, não tem absolutamente nada a ver com Cristo”.⁴ A expectativa judaica de um Messias (literalmente, um “ungido”) era uma esperança escatológica. Os primeiros cristãos viam Jesus como o unguido por meio de quem os propósitos de Deus para a humanidade foram cumpridos — agora, em parte; mas, no futuro, completamente. Essa crença pulsa através do Novo Testamento. Sem tal esperança,

o cristianismo jamais teria existido. Uma passagem representativa é o discurso de Pedro em Atos 3.18-21:

Mas Deus, assim, cumpriu o que dantes anunciara por boca de todos os profetas: que o seu Cristo havia de padecer. Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados, a fim de que, da presença do Senhor, venham tempos de refrigério, e que envie ele o Cristo, que já vos foi designado, Jesus, ao qual é necessário que o céu receba até aos tempos da restauração de todas as coisas, de que Deus falou por boca dos seus santos profetas desde a antigüidade.

A objeção óbvia é que a escatologia, cristã ou não, é apenas uma criação ilusória de fatos que se desejaria fossem realidade. Gostaríamos de crer que Deus existe, que a criação tem um propósito e que a história humana tem um significado. Porém, tudo que vemos à nossa volta é sofrimento, maldade e futilidade. Então, a fé nos permite fingir que o mundo realmente tem sentido. A escatologia em particular parece fantasia, um mundo imaginário em ordem, no qual tudo funciona como deveria funcionar, onde todo mundo — ao menos todos do nosso grupo — vive feliz para sempre. Isso pode ser um escapismo inofensivo ou uma decepção repreensível. De qualquer modo, não é realidade.

Essa é uma dura crítica, e não posso garantir que ela não seja acurada. Como o apóstolo Paulo escreveu, “esperança que se vê não é esperança” (Rm 8.24). No final das contas, a fé em Deus permanece sendo fé. Essa é a sua natureza. Mas isso não quer dizer que a fé cristã não possua uma base. Não é difícil descobrir a razão da exuberante fé escatológica da igreja primitiva. Ela repousa sobre a ressurreição de Jesus.

Muitos judeus do primeiro século acreditavam que Deus ressuscitaria o fiel para a vida eterna no final da presente era. Essa crença na ressurreição dos mortos precisa ser distinguida da ressurreição do corpo e da imortalidade da alma. Dizemos que uma pessoa ressuscitou quando morreu e foi trazida de volta à vida para morrer de novo em algum momento futuro. Essa é a idéia de ressurreição no caso de Lázaro e em outras narrativas bíblicas similares (Jo 11.1-44; 1 Rs 17.17-24; Mt 9.18-26 etc.). Imortalidade é a crença na idéia de que as pessoas não são verdadeiramente *mortais*, isto é,

que a existência humana, na verdade, não termina na morte. Em geral, essa crença está baseada na noção de que cada pessoa possui uma alma que habita seu corpo. Na morte, esse espírito imortal desencarna, vai para o céu ou para o inferno, ou para algum outro lugar apropriado (casas antigas e de madeira, que fazem barulhos à noite, parecem ser os destinos preferidos). Mais característica do judaísmo antigo e do cristianismo primitivo é a crença de que a pessoa é uma unidade psicossomática. Nenhuma alma existe independente de um corpo. Por isso, quando o corpo morre, a pessoa morre. A morte como penalidade pelo pecado (Gn 3) é devastadora, porque é definitiva. Somente um ato de Deus poderia resgatar alguém da morte. De fato, “o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor” (Rm 6.23). A ressurreição não é uma esperança vã; é uma dádiva. No tempo da ressurreição, as pessoas ganharão novos corpos, que terão existência eterna. (Mas que tipo de corpo? Encaminho o leitor à discussão de Paulo em 1 Coríntios 15.35 e seguintes).

Na ressurreição do Filho de Deus, os primeiros cristãos viram a vindicação de Jesus, que, apesar da crucificação, foi apresentado como o Messias de Deus. Mais ainda, eles viram a vindicação de Deus em sua ressurreição. Toda essa discussão sobre esperança futura, justiça e triunfo finais de Deus realmente é verdadeira. Eles sabiam que isso iria acontecer com eles porque já tinham visto acontecer o mesmo com Jesus. 1 Coríntios 15.20-24 diz:

Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem. Visto que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos. Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo. Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda. E, então, virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder.

A convicção de que Cristo foi ressuscitado por Deus animou os primeiros cristãos e deu grande dinamismo à sua fé. Eles afirmavam que, na ressurreição, tinham visto o fim da história anunciado no meio da história. Portanto, eles não tinham uma expectativa

frágil, do tipo: “Espero que isso dê certo!” Eles tinham segurança de que as coisas que desejavam que fossem verdadeiras de fato o eram, e nessa confiança levavam milhares de outros à fé.

Há alguma prova de que eles estavam certos? É difícil saber como seria essa prova. Não podemos testar as reivindicações dos primeiros cristãos como testamos uma hipótese científica, ou seja, por meio da repetição. A ressurreição de Cristo é um ato único. E a existência de provas históricas? Falando de modo restrito, não há nenhuma. Historiadores não *provam* nada. Em vez de provar, eles coletam evidências e formulam argumentos mais ou menos convincentes a respeito da probabilidade dos eventos. Isso não significa que o estudo histórico é inútil. Significa que devemos ter cautela quanto às suas limitações. Nosso sistema judicial atribui aos jurados a responsabilidade de determinar as evidências e então arbitrar entre interesses rivais de alguma disputa. Tomamos providências para que seus veredictos possam ser revistos, pois, algumas vezes, eles cometem erros. Com respeito à ressurreição, a história nos permite dizer pelo menos uma coisa com alto grau de confiança: os primeiros cristãos estavam convencidos de que ela era real.

Quando eu ainda era adolescente, um amigo se ofereceu para me levar a um culto de cura pela fé em uma igreja na região onde morávamos. Eu tinha minhas dúvidas, mas a oportunidade pareceu muito intrigante para ser desperdiçada. Fui esperando uma figura extravagante, como Steve Martin interpretou no filme *Fé de Mais não Cheira Bem*. Em vez disso, o pastor era uma figura comum, que agia como se não tivesse pressa alguma para chegar ao ponto principal do culto daquela noite. Depois de uma pregação interminável, ele convidou os membros da congregação para irem à frente a fim de receber uma oração. Ele impôs as mãos sobre um indivíduo que disse ter um problema crônico de coluna. Após orar, o pastor perguntou: “Você está curado?”. O coitado, aparentemente sentindo dores, não sabia o que responder. O pregador esclareceu a questão: “Se você crê que está curado, realmente está curado!” “Oh, acho que estou curado” — disse o homem. Estava claro que ele não estava curado. Se aquele homem tivesse sido verdadeiramente curado, o que ele teria feito? Mesmo com certas variações, ele poderia ter pulado, dançado e gritado: “Viva!” Estou querendo dizer que, de certo modo, a igreja primitiva pulou, dançou e gritou

em volta de toda a bacia do Mediterrâneo. Eles se comportavam da maneira como agiriam pessoas convencidas de que Jesus de fato havia ressuscitado. Eles estavam seguros, alegres e davam ousado testemunho, geralmente diante de uma oposição repetida e até mesmo fatal. Eles sabiam o que estava em jogo e tinham clareza sobre seus motivos:

E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé; E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados. E ainda mais: os que dormiram em Cristo pereceram. Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens. Mas, de fato, Cristo ressuscitou. (1 Co 15.14, 17-20)

A fé que eles tinham era uma fé *escatológica*, baseada na ressurreição.

Nenhum fim em vista

As coisas eram assim naquele tempo. Mas os tempos mudaram. A escatologia ocupa um lugar quase insignificante na academia teológica contemporânea. A desescatologização do cristianismo tem sido desafiada em décadas recentes por eruditos e teólogos proeminentes, como Jürgen Moltmann, J. Christiaan Beker e Wolfhart Pannenberg. Progressos importantes têm sido feitos. Mesmo assim, a herança escatológica do cristianismo não está absolutamente segura. Eruditos continuam fazendo incontáveis tentativas de resgatar Jesus das garras (ao menos eles pensam assim) dos seqüestradores obcecados pela escatologia — os autores do Novo Testamento.. Já ouvi centenas de pregações nas manhãs de domingo em igrejas “tradicionais”. Não consigo me recordar de nenhuma que tenha lidado de maneira honesta com o tema do futuro.

Por que fugir da escatologia? Algumas razões, como dificuldade ou incompreensão, já foram mencionadas. Outro forte motivo é o desejo de reconciliar fé e ciência. Embora o alvo seja louvável, como e em que termos isso acontecerá são pontos realmente importantes. Em muitos casos, o que é promovido não é acomodação à descoberta científica, mas simples defesa do racionalismo “científico”. A escatologia trata de Deus agindo *na*

história humana e *através* dela. Para alguns, essa possibilidade é descartada antecipadamente. O que Deus pode fazer? Uma vez mais, o teste definitivo é a ressurreição. Pode-se compreender que algumas pessoas não possam crer na possibilidade da ressurreição. Elas têm seus direitos, e eu as respeito. Mas, se não houve ressurreição, então, de fato, não há sentido em falarmos a respeito do cristianismo. Jesus não é o *Cristo* (Messias) vivo e vindicado (justificado), que é e será o agente de Deus para a realização dos propósitos divinos. A saída usual é focalizar a ética de Jesus, mas chamar o resultado de cristianismo é, pelo menos tecnicamente, uma designação incorreta. Além disso, está claro que a ética de Jesus está embasada na escatologia: considerando que o reino de Deus vindouro possui um caráter e um valor específico, disse Jesus, devemos ser sensíveis para responder ao reino de maneiras específicas: "O reino dos céus é também semelhante a um que negocia e procura boas pérolas; e, tendo achado uma pérola de grande valor, vende tudo o que possui e a compra." (Mt 13.45,46). Se não há um "reino", então, qual o sentido de tudo isso? Nesse caso, o evangelho dificilmente pode ser tido como um bom conselho, muito menos como as "boas novas". Paulo, citado acima, afirmou com razão: "se Cristo não ressuscitou, então é vã a nossa pregação".

Três problemas relacionados, mas de modo algum menos complicados, também são levantados pela ciência. O primeiro refere-se ao conhecimento limitado que os primeiros cristãos tinham do cosmos. Eles sabiam pouco sobre a imensa amplidão do universo ao seu redor. Portanto, a sua maneira de pensar sobre a escatologia era algo bastante restrito. Por exemplo, eles criam que a Terra era o centro do universo. Portanto, uma recriação da terra era essencialmente uma recriação de todo o cosmos físico. É um pouco mais difícil para as pessoas hoje em dia conceituar um "novo céu e nova terra" (Ap 21.1), pelo menos um que possa chegar na próxima terça-feira, não daqui a dezenas de bilhões de anos.

Isso nos leva ao segundo problema. Os cristãos primitivos tinham uma visão limitada (muito menos geológica) da história humana. Eles não conheciam a grande extensão de tempo que transcorreu antes deles. Pensavam que a história tivesse, no máximo, alguns milhares de anos. Por isso, é possível pensar em "eras" como períodos relativamente curtos. Mais uma vez, a estrutura

dentro da qual eles pensavam a escatologia é vista como algo estreito e antiquado.

O terceiro problema refere-se à criação. Ainda que a escatologia tecnicamente se refira ao “fim”, muitas escatologias são dependentes grandemente de uma doutrina da criação. O fim será como o princípio. A criação voltará ao seu estado anterior à queda, quando o mal, a doença e a morte não existiam (Gn 3). O problema é que muitos de nós já não acreditamos literalmente no relato bíblico da criação (seis dias e tudo mais). Houve muita vida e muita morte antes da chegada do *homo sapiens*. O *Tiranosaurus Rex* tinha dentes de 15 centímetros por algum motivo. Além disso, podemos achar difícil acreditar na existência de seres humanos sem a inclinação biológica universal para o egoísmo, que é a base de muito do que acertadamente consideramos pecaminoso. O que acontece no ecossistema de um recife de coral (ter múltiplos parceiros sexuais e matar e comer os inimigos) pode produzir um massacre num bairro de uma cidade. Há verdade na famosa declaração de Katharine Hepburn em *Uma Aventura na África*: “A natureza, Sr. Allnut, é o motivo pelo qual fomos colocados neste mundo: para superá-la”.

Um tipo diferente de problema que precisa ser enfrentado é a expectativa fracassada dos cristãos do primeiro século. Obviamente, Cristo não voltou durante o período de vida deles. Podemos então perguntar: “Não deveríamos simplesmente admitir que toda essa questão da vinda de Cristo é uma fraude e continuar com a nossa vida?” Ainda mais desconcertante é a atitude do próprio Jesus. Algumas evidências sugerem que Jesus também esperava o fim em um futuro próximo. Ele estaria errado? Se estivesse, o que isso significa para a fé cristã?

Pensando nessas questões, não deve ser surpresa que para muitos crentes a escatologia esteja entre as últimas coisas na lista de prioridades — ou, para ser mais específico, simplesmente jogada no porta-malas ou atirada pela janela. Os cristãos estão certos em se ocupar com uma centena de outras questões, como o louvor e a promoção da justiça, para citar apenas dois exemplos proeminentes. Mas as teologias são como sistemas orgânicos de vida, nos quais uma mudança em uma parte afeta todas as outras partes. Os microorganismos podem parecer insignificantes, mas são essenci-

ais para a vida. Se desaparecerem, o sistema inteiro desaparece com eles. A escatologia é igualmente básica. Sua eliminação arruína gradativamente toda a teologia cristã.

A escatologia tem salvação? Sim, mas não sem alguns pensamentos complicados e escolhas difíceis. As críticas mencionadas anteriormente precisam ser confrontadas de maneira direta. O propósito deste livro de modo algum é encorajar e equipar os leitores a se engajarem nessa tarefa sozinhos. Para tanto, exige-se no mínimo um conhecimento básico das questões e uma certa familiaridade com vários textos-chaves. Visando tal fim, examinaremos a história da expectativa futura e o papel da profecia no Antigo Testamento (capítulo três), o surgimento do judaísmo apocalíptico e seu significado para o cristianismo (capítulo quatro), os dois apocalipses bíblicos — Daniel e o Apocalipse de João — que têm exercido influência sem igual sobre as esperanças e expectativas quanto ao futuro da Igreja (capítulo cinco), as opiniões de Jesus concernentes ao futuro (capítulo seis) e a maneira como a igreja, antiga e moderna, experimenta e antecipa o reino de Deus (capítulo sete). Entretanto, primeiro precisamos lidar com a questão controversa da autoridade das Escrituras. A grande maioria dos livros sobre escatologia foram escritos na perspectiva do fundamentalismo cristão. Eu sou cristão, mas não sou fundamentalista, o que significa que me aproximo desses textos com algumas questões e pressupostos diferentes dos que muitos leitores possam ter. Por causa de tantas dúvidas sobre essa questão e porque quero ser claro a respeito de minha abordagem (tentarei ser persuasivo, mas me satisfaço em ser claro), o próximo capítulo é um pequeno ensaio sobre a Bíblia que resolvi incluir.

A escatologia bíblica não é um assunto simples. Seu estudo é recompensador, mas também desafiador. Entender o pano de fundo histórico dos textos bíblicos é parte desse desafio muito freqüentemente ignorada pelos livros sobre escatologia. Por essa razão, sempre que possível tentei preencher a lacuna, incluindo informações que ajudam a colocar a Bíblia em seu contexto. As referências feitas no capítulo três às antigas profecias babilônicas e cananéias, por exemplo, serão de interesse maior para alguns leitores do que para outros, mas acredito que o tempo investido em considerar esse material é um tempo bem gasto. Interpretar a Bíblia

desconsiderando seu contexto geralmente é interpretá-la de modo equivocado.

Este livro foi escrito primariamente, mas não apenas, para os cristãos. Eu leciono em um seminário cujo corpo estudantil é diversificado segundo quase todo critério que se possa estabelecer. Nem todos os meus alunos professam a fé cristã. Mesmo assim, muitos parecem ávidos por entender “o que está realmente acontecendo” na Bíblia. Não é preciso ser cristão para achar o Novo Testamento interessante e valioso, mas é necessário entender escatologia para entendê-lo. Ademais, um conhecimento de escatologia ajuda a esclarecer — e até certo ponto a explicar — as diferenças teológicas contemporâneas dentro e fora do cristianismo.

O que vem a seguir de modo algum é um estudo exaustivo da escatologia bíblica. Mas espero que a discussão nos faça dar um passo ou dois em direção ao entendimento. Na verdade, podemos já estar “mais perto agora do que quando no princípio cremos” (Rm 13.11).